

Justificativa

A importância da Revolução Haitiana de 1804 transcende em muito os limites do Caribe. O escravo rebelde Toussaint L'Ouverture e Jean-Jacques Dessalines - dois heróis revolucionários - foram capazes de derrotar as tropas de Napoleão enviadas pela França, na época a mais poderosa nação do mundo. E agregou que a Independência do Haiti pavimentou o caminho para as lutas emancipadoras em toda a América Latina.

Vários aspectos destacam a importância do movimento que triunfou no Haiti em 10 de janeiro de 1804. Ele foi, a rigor, a única revolução anti-escravista vitoriosa que a história conhece. Muitos movimentos de escravizados tiveram lugar, desde a Antiguidade - como aquele chefiado pelo gladiador Estartacus, em Roma, que chegou a formar um exército de 70 mil homens. Outros sacudiram as Américas no tempo do escravismo colonial - como a grande Insurreição dos Malês, na Bahia, em janeiro de 1835. E em toda parte se recorreu à forma de luta defensiva que no Brasil ganhou o nome de quilombos, com destaque para Palmares. Entretanto, apenas no Haiti a luta dos escravos logrou vencer a classe escravista, tomar o poder político em plano nacional e abolir o cativo pela via revolucionária.

Ao mesmo tempo, o Haiti de 1804 foi o primeiro país latino-americano a conquistar sua independência. E foi também a primeira nação do mundo negro a surgir enquanto Estado nacional de tipo moderno, sob forte influência das idéias da Revolução Francesa de 1792.

Quando a revolução ocorreu, em 1791/1804, toda a ilha de São Domingos (ou Hispaniona), dividida hoje entre o Haiti e a República Dominicana, formava uma única colônia francesa. A cana de açúcar produzia grandes fortunas, com base no trabalho escravo, e a ilha tinha a maior proporção de cativos nas Américas - 480 mil escravizados para 56 mil homens livres.

A maioria escravizada vinha buscando há gerações o caminho da liberdade. Recorreu a rebeliões, algumas enormes, como a de 1722 e a de 1751/1757, liderada por François Macandal. Também era muito ativo o movimento dos quilombolas, que em São Domingos tomaram o nome de marrons (que dali se espalhou pelas Américas). Os marrons tiveram o mérito de criar uma tradição marcial entre os negros escravizados.

Em 1791 estourou uma nova insurreição antiescravista na ilha, mas dessa vez conjugada com um fator externo que teve importância decisiva: a crise revolucionária e a revolução na França. Com a metrópole convulsionada por suas próprias contradições, o poder colonial-escravista não conseguiu afogar os insurretos em sangue como acontecera das outras vezes.

O movimento foi cuidadosamente preparado, na clandestinidade, e incluiu um pacto, selado em Bois Caiman (Floresta do Jacaré). Uma semana depois, em 22 de agosto, a escravaria pegava em armas, principalmente no norte da ilha. E nos combates projetou seus líderes e comandantes, como o notável François-Dominique Toussaint Louverture, general de raro talento, nascido na senzala (em 1743 ou 1746) e morto numa prisão francesa, em 1803.

Foi uma guerra dura, onde milhares de engenhos foram destruídos. Por fim, a revolução triunfou, sempre com a ajuda das contradições na metrópole, onde a época revolucionária cedera lugar a não menos conturbada fase das Guerras Napoleônicas. Em 10 de janeiro de 1804, os insurretos

proclamavam a Independência em Port au Prince, depois de mudar o nome da cidade para Port Republicain, com base na Constituição proclamada pelos insurretos ainda em 1801. À frente da vitória estava um dos tenentes de Louverture, JeanJacques Dessalines (1748/1806), ex-escravo do eito da cana.

A Revolução Haitiana adotou o caminho da não-intervenção, temendo represálias das potências coloniais, mas ainda assim teve uma grande repercussão nas Américas. Influuiu especialmente nas partes do Novo Mundo onde vigorava o escravismo colonial, desde a Virgínia, nos jovens EUA, até a Argentina. No Brasil, ela inspirou em 1824 motins do Batalhão de Pardos, de Pernambuco, e do Terço dos Henriques, de Sergipe. Os primeiros abolicionistas brasileiros e a ala esquerda dos patriotas independentistas são taxados de "haitianos" - como ocorre com o jornalista Cipriano Barata, fundador do Sentinela da Liberdade.

A Revolução Haitiana, depois de triunfar, não logrou construir uma sociedade livre e próspera. Já em 1808 a jovem República do Haiti teve que ceder à coroa espanhola a parte ocidental da ilha (atual República Dominicana). Antes disso, depois de um governo controvertido, fora morto a tiros. Internamente, o Haiti dividiu-se, entrou em crise política e decadência econômica. Hoje, o Haiti é o país mais pobre das Américas, ainda agitado por conflitos agudos e sofrendo intervenções norte-americanas (a última vez que os marines ocuparam a ilha foi em 1994).

Entretanto, o povo haitiano prossegue a busca de seu caminho. É uma trajetória difícil, acidentada, onde as dificuldades políticas, sociais e econômicas se agravam com a epidemia da aids, que tem no Haiti os piores índices das Américas. Nesta caminhada, os haitianos de hoje buscam inspiração em seus avós que dois séculos atrás recusaram-se a ser escravos, foram à luta e venceram. A revolução Antiescravista do Haiti, é um exemplo de luta contra a opressão racial e de classe, que merece ser homenageada, pois contribuirá com a construção da auto-estima de nosso povo, que também foi vitimado pelo crime da escravidão. Neste sentido, conclamo os meus nobres pares para a aprovação deste propositura.